

A PRESENÇA DE BANTUÍSMOS NA FALA DE MULHERES NEGRAS DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE PEDRAS NEGRAS, NO VALE DO GUAPORÉ/RO: UM ESTUDO SEMÂNTICO- LEXICAL

Joely Coelho Santiago

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

joelicoelhosantiago@live.com

Auxiliadora dos Santos Pinto

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

auxipinto@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho apresenta, a partir do registro de histórias de vidas, narrativas orais e reconstituição de memórias, uma descrição e análise da presença de bantuísmos na fala de mulheres negras que vivem/viveram na Comunidade remanescente de quilombolas de Pedras Negras, no Vale do Guaporé/RO. Dentre os principais aspectos da pesquisa qualitativa, destacamos as palavras, os sentidos e o contexto dos registros atribuídos para às formas lexicais de origem bantu identificadas na fala das mulheres entrevistadas. Os resultados da pesquisa demonstraram que as palavras lexicais se constituem como marcas identitárias na formação dos falares da Amazônia rondoniense.

Palavras-chave: Amazônia. Comunidades quilombolas. Memória. Identidades linguísticas

LA PRESENCIA DE BANTUISMOS EN LA FALA DE MUJERES NEGRAS DE LA COMUNIDAD REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE PIEDRAS NEGRAS, EN EL VALLE DEL GUAPORÉ / RO: UN ESTUDIO SEMANTICO- LEXICAL

RESUMEN:

Este artículo presenta, a partir del registro de historias de vida, relatos orales y recuperación de recuerdos, una descripción y análisis de la presencia de bantuísmos habla de las mujeres negras que viven / vivido en el resto de la Comunidad Pedras Negras de cimarrones en el Valle del Guaporé / RO. Entre los principales aspectos de la investigación, destacamos las palabras, los significados y el contexto de los registros asignados a las formas léxicas de origen bantú identificados en el discurso de las entrevistadas. Por lo tanto, el estudio demuestra cómo las palabras léxicas son las señas de identidad en la constitución de dialectos en Rondonia Amazon.

Palabras-clave: Amazonia. Quilombos. Memoria. Identidades linguísticas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa sobre a presença de bantuísmos na fala de mulheres negras que vivem/viveram na Comunidade remanescente de quilombolas de Pedras Negras, no Vale do Guaporé. Trata-se de um estudo, preliminar¹, cujo objetivo geral foi registrar, descrever e analisar palavras e expressões de origem bantu presentes na fala de mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras.

Para atingir o objetivo proposto, definimos os seguintes objetivos específicos: elaborar uma breve contextualização histórico-geográfica da Comunidade de Pedras Negras; Identificar, a partir de histórias orais de vida, palavras de origem bantu na fala de mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras; Registrar histórias orais de vida de mulheres negras provenientes da Comunidade de Pedras Negras, visando à identificação das palavras de origem bantu.

A pesquisa, bibliográfica e de campo, do tipo qualitativa, foi desenvolvida no período de 2014 a 2016, através do registro de histórias de vidas e narrativas orais, destacando-se, nas análises, as palavras de origem bantu utilizadas pelo referido grupo de falantes. As formas lexicais de origem bantu identificadas na fala das mulheres entrevistadas foram classificadas a partir do uso de dicionários específicos e de estudos semânticos e lexicológicos. Além da origem das palavras e expressões identificadas, destacamos os sentidos e os contextos de uso das referidas lexias.

O referido estudo foi norteado pelos seguintes questionamentos: 1) quais os saberes, as práticas e as linguagens utilizadas pelas mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras? 2) Quais os sentidos das palavras/lexias de origem bantu utilizadas por mulheres da Comunidade de Pedras Negras? 3) Quais os contextos de uso? 4) De que forma é possível reconstituir as histórias orais de vida de mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras, garantindo o respeito, o reconhecimento e a valorização dos saberes, das práticas, das narrativas, das linguagens e das representações presentes em suas memórias?

As análises dos dados coletados foram fundamentadas pelos estudos de Amaral & Angenot (2009), que apresentam uma discussão conceitual e legal sobre os temas Quilombo e Remanescentes Quilombolas; Couto (2009), cujos estudos discutem sobre a inter-relação entre a linguística, ecologia e ecolinguística em um contexto de contatos de línguas; Delgado (2006), que apresenta uma metodologia para a pesquisa com História Oral e discute sobre a importância da memória para a constituição das identidades; Teixeira & Fonseca (2010), historiadores de Rondônia e autores de um minucioso estudo sobre as Comunidades de Remanescentes de Quilombolas no Vale do Guaporé e outros.

Assim sendo, a coleta de dados foi feita na Comunidade Remanescente de Quilombolas de Pedras Negras e no município de Guajará-Mirim/RO, utilizando-se a observação dos diálogos no contexto familiar, conversas informais e gravação de histórias orais de vida. Nesta etapa da pesquisa, utilizamos como referência os estudos de Delgado (2006, p. 15) que apresenta uma metodologia para a pesquisa com a História Oral: “[...] é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas [...] testemunhos, versões e interpretações sobre História em suas múltiplas dimensões [...]” Através das conversas informais com familiares e amigos, registramos os fatos e acontecimentos contados a partir da reconstituição das memórias individuais e coletivas e, apesar dos assuntos discutidos serem os mesmos, cada entrevistada interpreta a lembrança de variadas formas.

As participantes da pesquisa são mulheres remanescentes de quilombolas que vivem/viveram na referida comunidade, no Vale do Guaporé ou que atualmente residem no município de Guajará-Mirim, visto que, ao longo dos anos, muitas famílias migraram para o citado município. Os critérios utilizados para seleção das entrevistadas foram definidos através da amostragem, observando-se, evidentemente, a naturalidade guaporense e estabelecendo-se uma faixa etária superior a 40 anos de idade.

Pretende-se, com esse trabalho, contribuir para o registro, o reconhecimento e a valorização da linguagem, da memória e da identidade da mulher negra do Vale do Guaporé para a constituição dos falares na Amazônia rondoniense. Também pretende-se mostrar a importância da história oral de vida para a reconstituição da história, memória e identidade sociolinguística e cultural de uma comunidade.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE QUILOMBO E REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS

Definir as palavras quilombo e quilombola não é uma tarefa simples. Além das definições apresentadas nos dicionários, há inúmeros estudos nos campos da História e da Antropologia² que apresentam concepções para os referidos termos. Neste estudo, porém, utilizamos os conceitos propostos por Gustavo Gurgel do Amaral & Jean-Pierre (2009), no artigo “Quilombo e remanescentes quilombolas- uma discussão conceitual e legal”³. Portanto:

1. Quilombo: sm. Bras. Esconderijo de escravos fugidos. Quilombola. Bras. Negro refugiado em quilombo.
2. Quilombo sm. Casa ou lugar no mato onde se refugiavam os escravos fugidos. Quilombola s.m. e f. Bras. Escravo ou escrava, outrora, refugiados em quilombos.
3. Quilombo. [Do quimbundo, quicongo e umbundo *lumbu*, ‘muro’, ‘paliçada’, donde *kilumbu*, ‘recinto murado’, ‘campo de guerra’, ‘acampamento militar’, ‘povoação’, ou do umbundo *kilombo*, ‘associação guerreira’.] Substantivo masculino. 1. Bras. Angol. Esconderijo, aldeia, cidade ou conjunto de povoações em que abrigam escravos fugidos: “A palavra ‘quilombo’ teria o destino de ser usada com várias acepções, a mais famosa delas a de habitação de escravos fugidos, em Angola, e a desses refúgios e dos estados que deles surgiram no Brasil.” (Alberto da Costa e Silva, *A Enxada e a Lança*, p.507.) [Cf. *mocambo* (1).] 2. Bras. Estado de tipo africano formado, nos sertões brasileiros, por escravos fugidos. Quilombola, substantivo masculino. 1. Bras. Designação comum aos escravos refugiados em quilombos; calhambola, calhambora, canhambola, canhambora, canhembora. [Cf. *mocamau*.]. (AMARAL & ANGENOT, 2009, p.100).

Outro aspecto importante é a compreensão da definição do termo remanescente de quilombo. O Decreto Nº 4.887, de 20 de Novembro de 2003, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. O artigo 2º decreta que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos [...] os grupos étnicos raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

² Dentre eles, destacamos: FIABANI, Adelmir. Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

³ Publicado na obra **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações**/Nair Ferreira Gurgel do Amaral (Org.) Curitiba: Editora CRV, 2009.

Diante da citação acima apresentada, podemos afirmar que a definição do termo remanescente de quilombo é subjetiva, pois é necessário que o indivíduo expresse o sentimento de pertença e compartilhe dos saberes, dos modos de vida e dos valores instaurados na comunidade.

Ainda sobre a definição desse termo, destacamos que Conforme Teixeira & Fonseca (2009, p. 104):

O fenômeno dos aquilombamentos surge no contexto de uma sociedade que tem na posse fundiária a sua principal base de organização: de um lado os senhores proprietários de terras e de escravos que trabalham em suas terras e de outro, negros, mestiços e índios pobres e excluídos do acesso às terras, vivendo na escravidão ou na marginalidade e que formavam núcleos de resistência á escravidão em áreas remotas diversas, onde o acesso à terra era comunitário e garantido.

Os escravos que conseguiam fugir para os quilombos, compartilhavam com os índios fugitivos seus saberes e costumes. Quilombolas eram aqueles que habitavam os quilombos, ou seja, ex-escravos de origem africana, que conseguiam fugir das fazendas e dos engenhos e buscavam moradia em locais isolados: os quilombos. No interior da mata amazônica, viviam principalmente, da agricultura de subsistência e da pesca. Até nos dias de hoje, principalmente em regiões do interior do Brasil, existem quilombos, os chamados de quilombos remanescentes. Eles são habitados por descendentes de ex-escravos. Vale ressaltar que uma das principais lutas dos quilombolas e indígenas é pela posse da terra.

1.1 Comunidades quilombolas do Vale do Guaporé: aspectos sócio-históricos do processo de ocupação e formação

A ocupação do Vale do Guaporé se deu a partir de 1734, quando os bandeirantes paulistas e irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros, descobriram ouro no Rio Guaporé, nos arraiais de Santana e São Francisco Xavier, onde se formou um núcleo de povoamento (TEIXEIRA, 2004, p. 78- 79)

Segundo este autor, o povoamento luso adentrava a floresta amazônica avançando nas terras, que até então, estas pertenciam à Espanha. Ainda de acordo com

Teixeira & Fonseca (2010, p. 11), a colonização do Vale do Guaporé pelos negros começou a partir da: “[...] resistência quilombola às práticas da escravidão local ou, como antigos pontos do povoamento colonial que foram, progressivamente, abandonadas pelos brancos, a partir do escassamento do ouro [...].”

Na época em que imperava no Brasil Colônia o regime da escravidão, o Vale do Guaporé serviu para o refúgio de negros fugitivos. Antes da região ser reconhecida como uma terra de negros, muitos já viviam livremente no vale do rio, beneficiados pela grande distância, que dificultava a ação dos caçadores de escravos. Os negros do Vale do Guaporé foram construindo histórias de lutas e resistência à escravidão, que deixara marcas da colonização no rio Guaporé, perceptíveis até os dias atuais.

De acordo com Teixeira & Amaral “[...] os negros tornam-se os senhores do Guaporé e a região passa a ser reconhecida pelo poder Estado do Brasil como a terra de pretos.” (2009, p. 115). Nesse sentido, os autores destacam que a presença da mulher negra no contexto dos quilombos foi muito significativa, pois dos diversos grupos quilombolas formados no Vale do Guaporé, o mais conhecido foi o quilombo do Quaritetê (ou Piolho) localizado às margens do rio do mesmo nome, afluente da margem ocidental do Guaporé. O referido quilombo foi abatido pela primeira vez em 1970, quando tinha 30 anos de existência. No local, residiam setenta e nove (79) negros e trinta (30) índios, entre homens e mulheres. Naquela época, o quilombo era comandado por uma rainha: Tereza de Benguela, esta assumira a chefia após a morte do esposo, José Piolho.

Na liderança do quilombo, a rainha Tereza contava com a participação ativa das mulheres negras e índias e, desse modo, nos descortina a ação de mulheres quilombolas que ousaram desafiar o sistema escravista português. Não se rendendo à humilhação da destruição de seu quilombo, a rainha Tereza, que fora capturada durante uma invasão, suicida-se como um gesto de revolta ao domínio dos brancos, pois preferiu morrer a render-se ao local. E foi a partir desse gesto de coragem e ousadia que Tereza de Benguela tornou-se um símbolo de luta para as mulheres negras no Brasil.

Ao apresentar um histórico sobre as comunidades remanescentes de quilombos de Pedras Negras e outras localidades, Teixeira (2009, p. 105), afirma que “O povoado de Pedras Negras é um dos mais antigos núcleos de ocupação colonial no Vale

do Guaporé [...]” No entanto, a mesma só foi reconhecida como uma comunidade remanescente de quilombo no ano de 2004. Conforme o autor, Pedras Negras já foi um importante posto de destacamento militar e, mais tarde, um posto alfandegário, sendo habitada ao longo dos anos por uma pequena população de negros e índios. Atualmente, a localidade possui cerca de cem (100) moradores.

1.2 Breve caracterização da Comunidade de Pedras Negras: aspectos históricos, geográficos e modos de vida

A Comunidade de Pedras Negras está localizada às margens do Rio Guaporé, no município de São Francisco do Guaporé/RO. Os maiores atrativos do local são as grandes pedras, praias e sítios arqueológicos existentes. Na comunidade também há abundância de belezas naturais, fertilidade da terra, pesca e caça. No período em que o rio está baixo, os turistas, que chegam de barco ou de avião de pequeno porte, podem apreciar as belas paisagens do local. Seus antepassados conseguiram sobreviver na companhia de índios fugitivos e, assim, puderam aprender com eles as variadas formas de convívio com a natureza, recriando outros modos de vida nas entranhas da floresta amazônica, tentando utilizar os recursos naturais da região de forma sustentável. Assim sendo, na Comunidade de Pedras Negras, até hoje, permanece a integração entre negros, índios e bolivianos, na fronteira natural Brasil-Bolívia.

Os antepassados dos moradores da Comunidade de Pedras Negras chegaram ao Rio Guaporé em meados do século XVIII, mais precisamente a partir de 1754, quando a localidade abrigava um porto fluvial que aos poucos começou a receber escravos fugidos de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT).

Os moradores da Comunidade de Pedras Negras professam a fé católica e, em quase 100 anos de existência, na comunidade há uma imponente igreja denominada São Francisco de Assis, que é o padroeiro da comunidade. A igreja foi construída no ano de 1949 e até os dias atuais alimenta a fé dos devotos, sobretudo dos negros, indígenas e bolivianos que vivem na comunidade e nas localidades situadas ao longo do Vale.

A comunidade conta com uma pequena escola em madeira; Posto de Saúde; Quadra de esportes coberta e Time de futebol, que disputa com os times das comunidades vizinhas nos torneios esportivos.

Crescente, o local é dividido em duas partes: a parte inicial é a parte mais baixa. Na segunda parte, a de cima, é chamada pelos moradores de “Serrinha”. O acesso para a Serrinha pode ser feito por três modos diferentes: por um estreito e longo caminho sombreado envolvido de grandes mangueiras; por um largo e longo caminho que passa ao lado do cemitério local ou por um largo calçadão, hoje construído por madeira.

Três pousadas movimentam parte da economia da comunidade. Porém, uma das principais fontes de renda da localidade é a extração da castanha. A coleta do ouriço da castanheira é feita de forma artesanal. É uma tradição que acontece nos meses de janeiro a março, época em que mulheres e homens adentram na mata com os cestos, feitos de Cipó-Imbé, pendurados nas costas e, com a ajuda de um esteque⁴, vão jogando os ouriços para o interior dos cestos pendurados em suas costas. Nessa atividade, mulheres e homens arriscam-se em meio aos locais alagadiços e à animais selvagens e peçonhentos. Os ouriços, coletados de forma precária, sem nenhuma condição de segurança e proteção, são colocados em latas ou sacos e, posteriormente, são vendidos nos municípios de Costa Marques e São Francisco do Guaporé. Na época da colheita, barcos de atravessadores passam pela Comunidade de Pedras Negras comprando toda a produção a preços baixos, para, em seguida, revenderem para empresários de outras localidades.

Vale ressaltar que as sementes da castanheira são ricas em oleaginosas. Elas possuem propriedades medicinais antioxidantes, emolientes, energizantes, hidratantes, inseticidas e nutritivas. Já o óleo e o extrato são usados como matéria-prima na fabricação de produtos farmacêuticos e cosméticos de beleza. Segundo os idosos, a água colocada dentro do ouriço, ou a água do umbigo do ouriço, ajuda na cura da anemia, hepatite, desnutrição e ajuda a repor a energia do corpo. Já a castanha esmagada ajuda a cauterizar feridas do corpo.

Atualmente, os moradores conseguem sobreviver na Comunidade de Pedras Negras, devido à fartura de alimentos e belezas naturais, o que impressiona desde muitos anos, seus perseguidores.

1.3 A participação das mulheres na vida social e religiosa na Comunidade de Pedras Negras

⁴ Uma espécie de gancho.

Através da atuação missionária e social do Monsenhor Francisco Xavier Rey, Franciscano da Terceira Ordem Regular, a Igreja Católica, desde 1932, tornou-se uma presença marcante no Vale do Guaporé. Dom Rey, como era chamado, evangelizou a região com longas viagens a remo por todas as povoações do Guaporé, priorizando a educação e a saúde da população, chegando a criar na região guaporense trinta e três (33) escolas.

Os mais velhos reconhecem com carinho a importância do trabalho educacional realizado por Dom Rey, que formou muitas meninas para se tornarem professoras nas comunidades do Vale do Guaporé. As filhas, sob autorização dos pais, eram levadas para estudar na cidade de Guajará-Mirim, onde em 1933, Dom Rey fundou o Colégio Santa Terezinha, que, a partir de 1935, passou a ser administrado pelas Irmãs Calvarianas. Vale ressaltar que, naquele período, a Igreja Católica era a única instituição que se interessava por negros e indígenas.

Além deste cuidado com a educação, Dom Rey revitalizou, a partir de 1934, a antiga tradição do Vale do Guaporé: a Festa do Divino Espírito Santo. Na comemoração pela passagem do Batelão do Divino Espírito Santo na Comunidade de Pedras Negras, as mulheres ficam responsáveis pelo preparo da comida e pela organização das rezas e dos cantos religiosos. Atualmente, outras festividades religiosas comemoradas na Comunidade de Pedras Negras é a de São Francisco de Assis, festejada no dia 04 de outubro e a de Nossa Senhora da Imaculada Conceição dos Veneráveis, festejada em 08 de dezembro. Parte dos moradores realizam os festejos em suas residências como forma de pagamento por graças recebidas.

Todas as crianças participam das festividades religiosas; as meninas ajudam as mães na organização da festa e os meninos são treinados desde cedo para cantar e serem remeiros no Batelão do Divino Espírito Santo que, depois da Semana Santa sobe o Rio Guaporé, parando em cada localidade ribeirinha, alimentando e mantendo viva a fé dos católicos.

Os devotos acreditam que a Festa do Divino é uma manifestação popular, onde se une a espiritualidade e o folclore para agradecer ao Espírito Santo os dons e as graças recebidas durante o ano anterior. Segundo os devotos, o Divino Espírito Santo é representado por um pombo (sinônimo de mensageiro) e possuidor de sete dons: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus. Esse pombo que o representa possui

sete raias ou sete fitas. Os devotos mantêm a tradição de usar no pulso ou dentro da carteira uma das fitas retirada da Coroa do Divino, para que ele seja abençoado ou atendido em algum pedido de desejo ao Divino Espírito Santo.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste tópico, apresentamos a pesquisa e análise dos resultados, considerando os seguintes aspectos: escolhas teórico-metodológicas, descrição das etapas da pesquisa, caracterização das entrevistadas, aspectos semântico-lexicais específicos do contexto quilombola e análise dos dados da pesquisa.

2.1 Escolhas teórico-metodológicas

A pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, foi desenvolvida com base nos princípios teóricos e metodológicos da História Oral, a qual foi caracterizada a partir da observação dos diálogos no contexto familiar, conversas informais e gravação de histórias orais de vida, destacando-se, nas análises, as palavras de origem bantu utilizadas pelas mulheres negras que residem/ residiram na comunidade quilombola de Pedras Negras, do Rio Guaporé. Também destacamos as palavras e expressões, específicas, utilizadas no contexto familiar.

A coleta de dados foi feita nos anos de 2012, 2015 e 2016, no referido local e no município de Guajará-Mirim/RO. Nesta etapa da pesquisa, utilizamos como referência os estudos de Delgado (2006), que apresenta uma metodologia para a pesquisa com História Oral: “[...] é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas [...] testemunhos, versões e interpretações sobre História e suas múltiplas dimensões [...]” Para descrever, classificar e analisar a presença de batuísmos na formação da identidade linguística da população negra do Vale do Guaporé/RO, utilizamos como base teórica os estudos semânticos, lexicais e consultamos dicionários específicos⁵ e outros. Também recorremos aos estudos de Angenot et ali

⁵ Dentre eles, destacamos: DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de Linguística**. São Paulo, Cultrix, 1989.

(2009), que apresentam um Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos⁶.” A referida obra apresenta à comunidade acadêmica a pesquisa nas áreas da humanidade, cultura e linguagem das comunidades africanas, afro-diaspóricas, indígenas e ribeirinhas da Amazônia, incluindo as áreas de fronteiras. Seu principal objetivo é a divulgação da pesquisa, o estímulo a publicação e o debate acadêmico acerca da ampla temática referente às questões contextualizadas africanas, indígenas e amazônicas.

2.2 Descrição das etapas da pesquisa

A pesquisa, bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, foi desenvolvida em cinco etapas, conforme descrição a seguir: na primeira etapa, realizamos os estudos bibliográficos com ênfase nos autores que estudam e investigam a temática pesquisada; a segunda etapa consistiu no levantamento e coleta de dados e informações sobre a Comunidade de Pedras Negras; na terceira etapa definimos a metodologia da pesquisa e seleção das entrevistadas; na quarta etapa, procedemos o registro e análise dos dados e informações coletadas junto às mulheres negras remanescentes de quilombolas; na quinta etapa, elaboramos e apresentamos os resultados do estudo e da pesquisa sobre a presença de bantuísmos na fala de mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras, no Vale do Guaporé/RO.

2.3 Caracterização das entrevistadas

A seleção das participantes da pesquisa foi feita de forma aleatória, priorizando-se as seguintes variáveis: sexo feminino; naturalidade na Comunidade de Pedras Negras e idade superior a 40 anos. Esse critério de seleção para a realização deste trabalho foi favorável para a coleta de dados e para o registro dos resultados da pesquisa como condição epistemológica e social de reconstituição das memórias e das identidades das mulheres negras guaporenses. Além disso, a memória é um elemento fundamental para o

⁶ ANGENOT, GERALDA DE LIMA VÍTOR; ANGENOT, JEAN-PIERRE; MANIACKY, JACKY. **Glossário de bantuísmos brasileiros presumidos**. Disponível em: Revista Língua Viva, Vol. 3 Nº 1 (2013). Publicada no site: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/linguaviva>. Acessado em: 10/04/2016.

estudo do léxico presente na fala das mulheres negras que residiram/residem na Comunidade de Pedras Negras.

2.4 Aspectos semântico-lexicais específicos do contexto quilombola

Conforme Dubois (2001, p. 364) o léxico é: "Um conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc". Para Mattoso Câmara Jr, na obra, dicionário de Linguística e Gramática (2009, p. 194), léxico é: “[...] o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocábulo corresponde às palavras ou vocábulos providos de semantema, ou vocábulo que é lexema. [...]”

Os negros do Vale do Guaporé assimilaram traços linguísticos indígenas, espanhóis e portugueses. Assim, a partir do contato, o léxico dessas línguas influenciou o léxico da população do Vale do Guaporé, que, em sua maioria, era negra. Dessa forma, os vocábulos introduzidos no falar guaporense criaram peculiaridades lexicais que, de certa forma, modificaram o léxico que a população negra utilizava cotidianamente. Assim, considerando-se que as palavras se distribuem no léxico, por associação de significados, formando campos semânticos, compreende-se que o léxico expresso pelas mulheres negras entrevistadas reflete as marcas identitárias linguísticas da Comunidade de Pedras Negras. Abaixo, apresentamos um breve glossário de palavras e expressões específicas, utilizadas pelas mulheres negras e atestadas por Angenot & Angenot (2011), no “Dicionário de bantuisms brasileiros”, como palavras de origem bantu:

Palavra ou expressão	Sentido	Contexto de uso
Batuque	dança de negros, com sapateados, palmas, cantigas e toque de tambor.	“Hoje à noite, o batuque acontece em minha residência.”
Cajirê	magia negra	“Um cajirê deve ser feito para desmanchar o trabalho.”
Capenga	Aleijado	“Depois do acidente, meu noivo ficou capenga.”
Dengo	choradeira, birra de criança	“Que criança dengosa!”
Engambelar	engabelar seduzir, agradar para enganar	“O mal dele é engambelar.”

Fubeca	defeito; falha	“A colcha de algodão chegou fubeca.”
Mandinga	magia, bruxaria	“Será feito uma mandinga para atrair o rapaz.”
Mangar	caçoar, afetando seriedade	“O menino mangou da menina que caiu de patins.”

2.5 Análise dos dados da pesquisa

A partir dos relatos registrados nos depoimentos das mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras e do contato com familiares, que também relataram suas histórias de vidas, informalmente, foi possível reconstituir, de certa forma, a memória e a identidade coletivas. Tal procedimento foi fundamental para o reconhecimento das singularidades, representações e, conseqüentemente, de algumas marcas identitárias culturais do local. De acordo com Delgado (2006, p. 16):

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a sua vida.

Verificamos que, no Vale do Guaporé, os elementos linguísticos e culturais foram constituídos pela multiculturalidade, formando uma sociedade heterogênea, prevalecendo a população negra. Além dos aspectos semântico-lexicais, identificamos na fala das mulheres negras da Comunidade de Pedras Negras alguns processos fonético-fonológicos e morfossintáticos distintos, conforme relato a seguir:

I eu pur tráis, assim nois fisemo insai. Aí eu pur tráí, pessoá intirtido quandu foi terminano a dona minina qui foi entrá eu fiz a **representason** duar vezi. Eu entrei toc toc, nois tava chiqui. Di palitó, cun aliancinha levano aliança, vê nu Feice. O Hemi tevi aqui i já foi, veio pasá u casamento du **irmon**. Mais o Hermi deu uma ajuda muito boa, olha qui di noiti u Filipi num pôdi pegá nu carru. Pra leva u Filipi u Hermi qui levó nu **carron** vermei da Eluziane. U carru du Filipi ele quiria puque quiria qui a noiva chegasi nu carru brancu. Aí u Hermi andanu nu carru du Marcu levanu a genti pro lá pru igreja i u Marcu levanu as família da Suely na igreja i foi buscá di últimu a noiva nu carru brancu.

Destacamos a seguir alguns fenômenos linguísticos⁷ identificados com respectivas exemplificações: aceleração: carron/ carrão, vermei/ vermelho; Hipótese da Monogamia - transformação do /e/ em /i/:noiti/ noite, genti/ gente; Transformação do /o/ em /u/: brancu/ branco, carru/ carro; Supressão de letras nos finais das palavras (apócope), em virtude de os sons não serem pronunciados: pegá/ pegar, busca/ buscar; Neutralização - transformação das vogais anteriores /e/ em /i/: quiria/ queria, chegassi/ chegasse; Ditongaço-vogal tônica final seguida de /s/: nósis/ nós, tráis/ traz; Assimilação e degeminação do /nd/ : nd >> nn >n, terminando > “terminano” andando > andano; Queda do /r/ em final de palavras: “entrá” para entrar, “passa” para passar. Destacamos, ainda, que as entrevistadas evidenciam em suas falas marcas próprias dos falares rurais ribeirinhos e que a pronúncia de algumas palavras se aproxima da fala castelhana. Esse aspecto pode ser motivado pelo contato dos moradores da comunidade pesquisada com falantes de origem boliviana. Além disso, ao longo do Vale do Guaporé há inúmeras localidades bolivianas, favorecendo essa mistura linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou resultados significativos para o registro de alguns aspectos históricos, linguísticos e culturais dos moradores da Comunidade de Pedras Negras. Identificamos que tanto na Comunidade de Pedras Negras quanto no município de Guajará-Mirim-RO, há a presença de bantuísmos na fala de mulheres negras, do Vale do Guaporé.

No contexto pesquisado, a linguagem e o modo de vida, principalmente das mulheres mais idosas da localidade, mantem traços típicos do modo negro guaporense. Entretanto, com a abertura das estradas, o constante contato com outros falares, a presença dos turistas, a fala e o modo de vida dos moradores mais jovens na localidade sofreu/sofre algumas interferências. Nesse processo de heterogeneidade, ressalta-se que os meios de comunicação, o acesso aéreo, fluvial ou terrestre às localidades e municípios

⁷ Análise feita a partir da leitura da obra: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; FERRAREZI Jr. Celso; VÊNERE, Mário Roberto. **Intendenu as praca du braziu**: por uma educação de verdade, com Linguística e Arte. São Carlos: Pedro & João Editores/Porto Velho: EDUFRO, 2009.

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 1- 16, 2017.

próximos e o contato com outras culturas, como por exemplo, bolivianos e indígenas faz com que os moradores compartilhem com os novos vizinhos os saberes e os modos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Gustavo Gurgel do; ANGENOT, Jean-Pierre. **Quilombo e Remanescentes Quilombolas: uma discussão conceitual e legal**. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (org.). **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações**. Curitiba: CRV, 2009.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (Org.). **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações**. Curitiba: CRV, 2009.
- ANGENOT, Jean-Pierre & Geralda de Lima ANGENOT. **Dicionário de bantuisms brasileiros: cerca de 5.000 vocábulos**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2011.
- ASSUNÇÃO, Izabel de Oliveira. **Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey: Dom Rey**. São Paulo : Scortecci, 2012.
- BRASIL. Decreto Presidencial 4.887/2003 de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. In: Diário oficial da União Edição Número 227 de 21/11/2003.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contatos de língua**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves . **História oral - memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de Linguística**. São Paulo, Cultrix, 1989.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao Estudo do Léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MENDES, Matias Alves. **Apologia da negritude**. São Paulo: Scortecci, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 2003.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; AMARAL, Gustavo Gurgel do. As populações negras da bacia do Guaporé: formação etno-histórica, espaço e natureza. In: AMARAL, Nair

Ferreira Gurgel do (org.). **Multiculturalismo na Amazônia**: o singular e o plural em reflexões e ações. Curitiba: CRV, 2009.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro. **Histórico das Comunidades de Remanescentes de Quilombo de Pedras Negras, Santa Fé, Forte Príncipe da Beira – Vale do Guaporé – Rondônia**. Vol. 2, N 1. Revista Eletrônica Afros e Amazônicos, 2010. Acessado no site: <http://www.gepaaa.unir.br/index.php/123>.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro; ANGENOT, Jean-Pierre. (Org.). Afros e amazônicos: estudos sobre o negro na Amazônia. Porto-Velho/RO: Eudfro, 2009.